

A migo Pasapera, vou lhe contar um conto. Um homem tinha uma rosa: era uma rosa que lhe brotara do coração. Imagine se a via como um tesouro, se a cuidava com afeto, se era para ele adorável e valiosa a terna e querida flor! Prodígios de Deus! A rosa era também como um pássaro; cantava docemente por mero passatempo e, às vezes, seu perfume era tão inefável e comovedor, como se fosse a emanação mágica e doce de uma estrela que tivesse aroma.

Um dia, o anjo Azrael passou pela casa do homem feliz, e fixou suas pupilas na flor. A pobrezinha perturbou-se, e começou a

empalidecer e a ficar triste, porque o anjo Azrael é o pálido e implacável mensageiro da morte. A flor já desfalecendo e quase sem alento e sem vida, encheu de angústia ao que assistia a sua sorte. O homem voltou-se até ao bom Deus e lhe disse:

– Senhor, para que queres tirar-me a flor que me deste? E brilhou em seus olhos uma lágrima.

Comovendo-se o bondadoso Pai, por virtude da lágrima paternal, disse estas palavras:

– Azrael, deixa viver essa rosa. Toma, se queres, qualquer das de meu jardim azul.

SETE NOTAS TEM A TROVA

Buço, freqüentemente, as pessoas que assistem aos nossos Jogos Florais, e que gostariam de participar, uma pergunta:

– Como se aprende a fazer trova?

Queixam-se, essas pessoas, de que os manuais de versificação ou, mesmo, os decálogos divulgados pela UBT, apesar de considerados excelentes, não lhes fornecem uma informação clara e precisa sobre o tema, isto é, não indicam, desde logo, um meio prático e rápido de compor, com segurança e acerto, a quadra setessilábica consagrada entre nós com o nome de “trova”, objeto de nossos concursos.

Procurarei, neste breve espaço, resumir, a pedido do Presidente Milton Nunes Loureiro, a palestra que, sobre essa questão e com o título “A Música e a Poesia”, tenho feito, em diversas oportunidades e lugares, para facilitar a tarefa dos trovadores aprendizes.

Dizem alguns antropólogos que o ser humano, antes de falar, cantou. Que a palavra primitiva – imitação das vozes e dos sons da natureza – era cantada. Verdade ou não, certo é que, desde remotas eras, em cerimônias religiosas ou manifestações políticas ou festas propiciatórias, a música andou de mãos dadas com a poesia, não raro também acompanhada da dança. Recordem-se, aqui, as odes líricas gregas, os salmos de Davi, os cantos heróicos de Homero, para citar apenas esses. Com o tempo, a poesia passou a ser simplesmente recitada – lida ou falada. Mas guardou indelévels sinais de sua origem, sendo exato que a medida do verso ritmado nasceu do compasso melódico (música e dança). Por isso, para atender ao meu propósito, siguro um recontrole da poesia com sua velha companheira das épocas primórdias.

Recorro, para ensejar essa reaproximação, à música popular, dela retirando exemplos que tornam acessíveis aos leigos as normas próprias do gênero literário.

Os tratados de versificação ensinam que o verso tradicional é composto de **pés** ou **silabas**, e que a métrica portuguesa admite os versos de uma (1) até doze (12) silabas, alguns deles (os de 8, 9, 10,

11 e 12) com pausas obrigatórias peculiares, remanescência das velhas pausas musicais, base do ritmo. A contagem dessas silabas é algo complicado e obedece a regras específicas. Mas, se utilizarmos o processo (que adotei) de acomodar a **letra** (as palavras do verso) a um **molde musical preestabelecido**, escolhendo uma **forma** para enchê-la com palavras, todas as dificuldades ficam superadas.

Vamos à prova.

Para modelo do verso de **12** silabas, (**o alexandrino**), escolhi uma belíssima valsa de Paulo Medeiros, cantada por Silvio Caldas:

“Sorris da minha dor, mas eu te quero ainda, sentindo-me feliz, sonhando-te mais linda...”

Com essa melodia, pode-se cantar o célebre soneto de Alceu Wamosy, “Duas almas”, escrito em versos alexandrinos:

“Ó tu, que vens de longe! ó tu, que vens cansada...”

Ou o famoso soneto de Bilac, “Virgens Mortas”:

“Quando uma virgem morre, uma estrela aparece...”

Para os versos de **10** silabas, encontramos vários moldes, que podem ser aproveitados de diversas maneiras.

Temos o Hino Nacional Brasileiro (“Ouviram do Ipiranga as margens plácidas...”), “A voz do violão” de Francisco Alves (“Não queiras, meu amor, saber da mágoa...”), “Chão de estrelas” de Orestes Barbosa (“Minha vida era um palco iluminado...”), o bolero “La barca” (“Dicen que la distancia es el olvido...”), por exemplo. Com qualquer desses conhecidos moldes, poderemos cantar estes conhecidos decassilabos:

1 – “As armas e os barões assinalados...”

(Camões)



- 2 – “Sete anos de pastor, Jacó servia...”
(Camões)
- 3 – “Só a leve esperança, em toda a vida, disfarça a pena de viver, mais nada...”
(Vicente de Carvalho)
- 4 – “Vai-se a primeira pomba despertada...”
(Raimundo Corrêa)
- 5 – “Se a cólera que espuma, a dor que mora...”
(Raimundo Corrêa)

No caso do verso de sete (7) silabas, **metro obrigatório da trova**, a coisa ainda fica mais simples, porque esse é o verso mais comum da Música Popular Brasileira. Os cantores de seresta sabem-no por experiência própria. Se não, veja-mos:

- 1 – “Fugindo da nostalgia, fui procurar alegria na ilusão de um cabaré...”
(A mulher que ficou na taça)
- 2 – “Olho a rosa na janela, sonho um sonho pequenino...”
(Modinha)
- 3 – “Vestida de azul e branco, trazendo um sorriso franco...”
(Normalista)
- 4 – “Nosso amor que eu não esqueço, e que teve o seu começo numa festa de São João...”
(Último desejo)
- 5 – “Estava à toa na vida, o meu amor me chamou pra ver a banda passar cantando coisas de amor...”
(A banda)

Para aplicar essas noções ao exercício da trova, costume indicar três moldes, tomados à MPB, ao folclore e, até, à música popular italiana: “Peguei um Ita no Norte”, de Dorival Caymmi; “Meu limão, meu limoeiro”, canto folclórico; e “Torna a Surriento”, do cancionero napolitano. Uma trova corretamente feita, sem a necessidade de contarmos as silabas pelos dedos, mas apenas com apoio num bom ouvido, ligando-se as palavras naturalmente, como na linguagem falada, encaixa-se, como numa luva, em qualquer desses

moldes musicais. Querem experimentar? Comecem pela toada de Caymmi:

“Peguei um Ita no Norte, pra vir no Rio morá, adeus, meu pai, minha mãe, adeus, Belém do Pará...”

Com a melodia dessa toada, é possível cantar estas trovas:

- 1 – “Eu quis, na cara ou coroa saber se és minha ou do Zé fiquei na mesma. Esta é boa! O niquel caiu de pé!”

Colbert Rangel Coelho

- 2 – “Maria da Graça é uma cachopa de olhos em brasa vive sozinha, não fuma, e tem cinzeiros em casa!”

Augusto Gil

Com a melodia de “Meu limão, meu limoeiro” e de “Torna a Surriento” obtém-se o mesmo efeito:

- 1 – “Meu limão, meu limoeiro, meu pé de jacarandá: Uma vez, tindô-lêlê, outra vez, tindô-lalá...”

- 2 – “Vide ‘o mare quant’è bello, spira tantu sentimento, comme tu a chi tiene mente, ca scetato ‘o faie sumná...”

Penso que bastam essas explicações para demonstrar que o processo é prático e rápido. No início, o aprendiz pode exercitar-se com frases e palavras sem sentido, ligadas arbitrariamente, desconexas, procurando adaptá-las ao molde musical. Depois, adquirindo o hábito, os versos irão formar-se naturalmente, até pelo cotejo com as trovas de autores mais experimentados. E no meio, como diria o poeta espanhol, no meio “hay que poner talento”. Quanto a isto, não tenho dúvida: existe, por aí, de sobra.

II – TROVA: TEMPO & ESPAÇO

É fato sabido e consabido que os tempos mudam e, com os tempos, mudamos nós. Isto ensinava um ditado medieval citado na *Description of England*, de Harrison (1517) e no *Euphues* de John Lyly (1579). *Tempora mutantur...*

Mudam os hábitos, mudam os gostos, as manias mudam, mudam as filosofias, alternam-se os regimes políticos e econômicos. Também a linguagem humana evolui. Há palavras que se arcaizam, envelhecem, morrem. Outras ressuscitam, animadas por significados novos, ao sopro de novas realidades. Com o surgimento do Trovadorismo Brasileiro, há cerca de quarenta anos, as palavras “Trova” e “Trovador”, por exemplo, experimentaram vida nova e aceitação específica. Digam o que disserem, a tese é perfeitamente explicável.

Antigamente, considerava-se *trova* qualquer composição lírica leve e de caráter mais ou menos popular, não importando qual fosse a estrutura das estrofes, ou o número de seus versos, ou a disposição das rimas. É o que se lê nos dicionários tradicionais.

Antigamente, considerava-se *trova* qualquer composição lírica leve e de caráter mais ou menos popular, não importando qual fosse a estrutura das estrofes, ou o número de seus versos, ou a disposição das rimas. É o que se lê nos dicionários tradicionais.

Depois, o termo passou a designar, de modo menos genérico, algumas cantigas ou canções de estrutura regular, também do gosto do povo, dada a sua simplicidade. E, enfim, começou a caracterizar a *quadra* ou a *quadrinha popular*, quase sempre destinada a ser cantada, com ou sem estribilho.

Em sua conceituação atual, que corre entre nós, a *trova* é um poema de forma fixa, regular, com quatro versos (ou linhas) de sete silabas (redondilha maior), de rimas cruzadas, isto é: o primei-

ro verso rimando com o terceiro, e o segundo rimando com o quarto.

Quanto ao assunto ou tema (questão de fundo ou conteúdo), assim se podem classificar as trovas: **lírica** (sentimental, amorosa, romântica, intimista); **filosófica** (conceituosa, reflexiva, sintetizando um pensamento moral ou religioso ou estético); **humorística** (jocosa, brincahona, maliciosa); **didática** (instrutiva, pedagógica, doutrinária, biográfica); **descritiva** (aquarela em miniatura, retrato sintético, instantâneo fotográfico), etc. Conviria exemplificar.

TROVAS LÍRICAS

À distância, se ela passa é maior o meu tormento: para a saudade, a vidraça é sempre um vidro de aumento.

Cícero Rocha

Nossa casa é pequenina, mas tem a graça de Deus: de dia o sol a ilumina, e de noite – os olhos teus.

Augusto Rubião

TROVAS FILOSÓFICAS

O filho do Carpinteiro foi um artista profundo: com três cravos e um madeiro, fez a reforma do mundo.

Raul Pedereiras

A gente paga o que deve, sem recurso ou petição: sentença que Deus escreve não tem mais apelação!

Paulo Nunes Batista

TROVAS HUMORÍSTICAS

Papai manda, se é solteira... Marido, quando casada... Manda a vizinhança inteira se é viúva ou desquitada...

Eny do Couto

Quando a mulher quer, eu acho que nem Deus a desanima: – é água de morro abaixo ou fogo de morro acima!...

Belmiro Braga

A flor do sol, no horizonte, fecha as pétalas vermelhas... Pelo peçoço do monte se deita um colar de ovelhas!

Félix Aires

TROVAS DESCRITIVAS

Pelas planuras desertas, nas frondes verdes, as comas mostram corolotas abertas num desperdício de aromas.

Elzézer Benevides

Como poema autônomo, forçoso é dentro dessas quatro linhas – requisito indispensável.

E que é um **Trovador**? Trovador era o nome dado, geralmente, na Idade Média, ao poeta lírico, em verdade um compositor musical, que fazia versos e os cantava, ao som

da viola, do alaúde, da flauta e do pandeiro. Compunha e instrumentava as próprias canções – escrevia a letra e a música. E, quando não se sentia em condições de, ele mesmo, cantá-las,

incumbia de fazê-lo um cantor profissional, que era o jogral ou menestrel. Na prática, nem sempre era fácil distinguir o trovador do jogral, e isto criava situações até ridículas. Houve o

caso do trovador Guiraut Riquier, que ficou agastado quando o confundiram com um jogral. E protestou, alegando que a confusão era humilhante para os trovadores, que tinham formação

intelectual e artística, enquanto os jograis ou menestres, de nível social inferior, não gozavam de boa reputação, inclusive por serem freqüentadores de tavernas e prostíbulos...

Historicamente, Guilherme de Poitiers, na França, é o mais antigo trovador conhecido.

A Literatura Portuguesa começa, a bem dizer, no século XII, com uma cantiga de amor-e-escárnio dedicada pelo trovador Paio Soares de Taveiros, a uma dama chamada *A Ribeirinha*, que outra não era senão Maria Pais Ribeiro, favorita do rei Dom Sancho I, de Portugal. Aliás, Portugal, celeiro de notáveis trovadores, ostenta, em sua galeria de reis ilustres, a fidalga e luminosa efigie de Dom Dinis (1261/1325), protetor dos poetas, fundador da Universidade de Lisboa e – título que nos fraterniza com Sua Majestade – exímio trovador, cujas cantigas estão registradas nos Cancioneiros da Vaticana e da Biblioteca Nacional, obras-primas do gênero.

Hoje, a meu ver, o termo *trovador* deve restringir-se àqueles poetas que fazem *trova*, isto é, quadras setissilábicas rimadas, porque o uso – neste século da especialização – assim o consagrou, pelo menos nos países de fala portuguesa.

Os trovadores de Aquém e de Além-Mar contam-se, em nossos tempos pela casa dos milhares. E a trova é cultivada, com êxito, por pessoas das mais diversas classes sociais e ofícios, conforme se apura dos resultados dos Jogos Florais promovidos, em todo o País, pela União Brasileira de Trovadores, a nossa UBT. Poetas há muitos. Mas nem todo poeta é trovador. E não se pode entender trovador que não seja poeta – isto é: talento criador, servido por especial sensibilidade e senhor da técnica da feitura do verso.

O Trovismo ou Trovadorismo Brasileiro tem suas raízes na tradição popular ibérica, na própria alma ingênua do povo. Mas, como movimento literário, de características bem delineadas, principiou na década de 50, quando o poeta Luiz Otávio (pseudônimo do Dr. Gilson de Castro) começou a reunir, aos sábados, na intimidade de sua residência, no bairro carioca de Vila Isabel, um pequeno grupo de cultores da trova, para tertúlias literárias, informais, entremeadas de “salgadinhos, biscoitos e refrigerantes”, segundo conta Aparício Fernandes, que nelas passou a tomar parte em 1958. Na opinião de Aparício, o Movimento Trovadoresco tem como ponto de partida a publicação, em 1956, por iniciativa de Luiz Otávio, da coletânea “Meus irmãos, os Trovadores” (“A Trova no Brasil”, 1972).

Em 1959, fundou-se na Bahia um Grêmio Brasileiro de Trovadores (GBT), que reunia, sob essa designação, além dos cultores da quadra setissilábica, vários cantadores, violonistas e autores de literatura de cordel. Quando o Grêmio realizou um Congresso de Trovadores, na cidade de São Paulo, Luiz Otávio foi convidado a representar a entidade na região sul do País, melhor dizendo no Rio de Janeiro. E aceitou o convite. Mas, no Rio de Janeiro, o Grêmio cresceu, ganhando

invejável projeção, e esse fato gerou uma dissidência com os seus dirigentes no Nordeste. Então, Luiz Otávio, com o apoio unânime dos trovadores filiados às seções da região sul centro-oeste, propôs a criação da União Brasileira de Trovadores, que se instalou no Rio em 8 de janeiro de 1967. Vitória desde então, a UBT é uma associação de âmbito nacional, que se destina especificamente ao estudo e à divulgação da trova, como instrumento de propagação da cultura, tendo sido Luiz Otávio, por um questão de justiça, seu primeiro presidente nacional. Com organização própria, um presidente nacional, delegacias e seções estaduais e municipais, as quais gozam de relativa autonomia, a UBT promove, anualmente, os Jogos Florais, que habitualmente se inserem nos festejos comemorativos do aniversário dos Municípios onde têm sede suas atividades.

E que são os Jogos Florais? Com antecedentes que parecem remontar às festas populares realizadas na Antiga Roma em homenagem à deusa Flora, os Jogos Florais eram um certame periódico, instituído em Toulouse, na França, no ano de 1323, por poetas desejosos de manter as tradições e o lirismo da poesia palaciana. O prêmio principal era uma violeta de ouro, havendo também menções honrosas configuradas numa rosa e num malmequer, ambos de prata. Daí por diante, lirizaram-se na França, em diversas épocas, novos certames do gênero contando-se entre seus vencedores figuras do porte de Voltaire, Chateaubriand, Victor Hugo e Lamartine...

Em Portugal, a Emissora Nacional promoveu também os seus Jogos Florais, inclusive com a finalidade de eleger, a cada ano, o Príncipe dos Poetas Portugueses. Ademais, em terras portuguesas, são famosos os Jogos Florais de Coimbra, do Porto, de Figueira da Foz, de Almada, assim como os das antigas províncias africanas, sobretudo Angola. Há notícias de Jogos Florais realizados no Brasil, nos anos de 1914, 1915 e 1916, pelo Liceu Feminino, da cidade paulista de Santos.

Atualmente, em nosso País, os Jogos Florais são concursos anuais de trovas, instituídos pelas seções municipais de União Brasileira de Trovadores, abertos a participantes de todos os estados e cidades do território brasileiro, bem como dos demais países de língua portuguesa, segundo um regulamento padrão, comum a todas as seções, com ligeiras variantes de caráter local. As trovas, obrigatoriamente inéditas, sob pena de desclassificação, versando tema preestabelecido, assinadas com pseudônimo, para assegurar a imparcialidade do julgamento, são apreciadas por uma comissão formada por trovadores de diferentes seções da UBT; estes as classificam, mediante a aposição de uma nota (atribuição de valor subjetivo), e as devolvem à seção de origem, onde, só então, se tornam conhecidos os nomes verdadeiros dos concorrentes. Quase sempre, os prêmios são entregues em solenidade pública, em festivo ambiente de confraternização, sendo que, nos Jogos Florais de Niterói, esses prêmios são representados por troféus alusivos ao

tema do concurso.

É justo recordar que os Jogos Florais do Movimento Trovadoresco tiveram seu berço na cidade serrana de Nova Friburgo, em 1958, sendo vencedores do primeiro concurso os trovadores Rodrigues Crespo, Anis Murad, Colbert Rangel Coelho, Jesy Barbosa, Raul Serrano, Octávio Babo Filho, Walter Waeny, Leila Ribeiro Ferreira e Paulo Fênder. O tema era *amor* e a trova vitoriosa, da autoria de Rodrigues Crespo, era esta:

“Não me chames de senhor;
eu não sou tão velho assim.
E, ao teu lado, meu amor,
não sou senhor nem de mim.”

Ao fim de tudo, a animadora verdade é que o número de excelentes trovadores tem crescido consideravelmente, com a revelação de inúmeras trovas antológicas. E os Jogos Florais constituem uma grandíssima oportunidade de aproximação fraterna entre poetas de todos os rincões deste continental Brasil, que, em tempos remotos, chegou a ser descrito como um imenso arquipélago cultural.

A trova, deste modo, cumpre maravilhosamente sua missão, que já estava nos sonhos iniciais de Luiz Otávio – unir o Brasil.

E viva a Trova!



Sávio Soares de Sousa, em XXIX Jogos Florais de Niterói, 1999

KIDAIAS DE VERÃO



O povo dança o Reisado. É Dia de Reis. Albertina C. G. Santos	As águas procuram rios e os rios, o mar. João Batista Serra	na rua o terno de Reis... Espera dançar. Maria Helena Siqueira
Nas trevas da noite surge uma alvura de flores. É o mandacaru. Aida Corrêa M. Moreira	Enfim, uma bússola. No emaranhado das trilhas surge um girassol. José N. Reis	Puxando o carrinho, cantarola o vendedor de água de coco... Mariemy Tokumu
Samambaia de metro sobre a menina. Longos cabelos. Carlos Roque B. de Jesus	Reisado de três Gaspar, Baltazar, Melchior contemplo seqüência. José Walter da Fonseca	Reisado-Povo. Artistas anônimos. Teatro vivo! Nadry Leme Ganzert
Data especial mesmo assim lá vem ele Dia do Carteiro. Clóvis Moreira Santos	Calor escaldante água de coco docinha organismo em festa. Lávia Lacerda Mendez	As fôrmas correm por entre os galhos das árvores folhas pelo chão. Nilton M. A. Teixeira
Deus desabrocha a rosa uma formiga, castiga a flor melindrosa. Dercy de Freitas	Máscara horrenda músicas e paus de fitas, festejo o Reisado. Leda Mendes Jorge	Ele traz tinturas frescas, em pleno verão!... Santos Teodósio
Em busca dramática, segue a estrela do Oriente, os reis, no Reisado. Edel Costa	Pernilongo – incrível! – caiu na sopa do avô! A mais ninguém morde... Leonilda H. Justus	Ouvidos atentos... Ciranda de pernilongos. Tortura noturna. Sergio de Jesus Luizato
Vinte e quatro horas, é noite de réveillon... Eduardo A. O. Toledo	Sobre poderosos ossos do que foi um touro passavam formigas... Luís Koshitiro Tokutake	Por um fino fio, desliza suavemente a pequena aranha. Sueli Teixeira
Beleza e perfume. Deus desabrocha no galho da rosa vermelha. Fernando Vasconcelos	Com muito apetite a traça comeu da manga do meu paletó... M. U. Moncam	Mamão no terraço. Espreitando o sabá – o guri e o gato... Teruko Oda
Na borda do vaso joaninha agita as asas sacudindo o orvalho... Guim Ga	Aranha descendo bem diante do meu nariz... Mais respeito, heim? Manoel F. Menendez	Os fios trançando, a velha renda tece. Caprichosa aranha! Theriza Costa Val
Árvores caídas, riachos e rios transbordando. Chuva de verão. Helvécio Durso	Dia do Carteiro: bolsão está mais pesado... Brindes recebidos! Marcelino R. de Pontes	Bigornas brancas, leves, flutuam no azul – forja de relâmpagos. Yara Shimada Brotto

Para se fazer haikai, tem de ser, mesmo, um leão... errando, do galho cai, mesmo na boa intenção
Agostinho José de Souza

Réveillon saudoso.
Na varanda do salão,
o primeiro beijo.
Alberto Murata

Vendo meu touro enrugado...
Sentindo o andar inseguro...
Peito lembrando o passado...
Acho que estou no futuro!
Amália Max

Não sou tão tímido assim...
Meu amor, este é meu jito...
Chegue mais perto de mim e faça um teste perfeito...
Antonio Bispo dos Santos

Vida novo, ano novo!
Que aconteça nesse dia e também no ano todo, muita paz e alegria.
Cecy Tupinambá Ulhôa

Bendito seja o sujeito
que traído pelo irmão,
tira do fundo do peito
a fortuna do perdão!
Eduardo A. O. Toledo

De meu pai, desde pirralha,
guardo a lição que hoje entono:
– Não há fortuna que valha
a paz que me embala o sono!
Eliana Dagmar

Réveillon. Brancura,
na regressiva contagem,
fence o Ano Velho!
Geraldo Kenhum Oshiro

Eu tenho, mais que ninguém,
fortuna de bens diversos:
– no bolso nenhum vintém,
– no sonho, milhões de versos!!
Izo Goldman

O povo se encontra
meia-noite colorida.
Réveillon na praia.
Izumi Fujiki

O sino toca plangente,
e, às vezes com euforia.
Parece até com a gente:
– sente tristeza e alegria!
João Batista Serra

Com roupas brancas
taças, champanhe e lentilhas...
Feliz Ano Novo!
José Roberto de Oliveira

O que o Ano Dois Mil, enfim,
clareie ao homem a estrada,
que por escura e ruim,
fez-se triste e tão pesada.
Leonilda Hilgenberg Justus

Trem lotado...
Destino à estação:
Liberdade!
Marcelino R. de Pontes

Com pena por vê-lo morto,
a borboleta, piedosa,
simulou no galho torto
duas pétalas de rosa...
Orlando Brito



ENVIAR ATÉ TRÊS HAICAIS

Prazo 30.01.00:
Kigos à escolha: Acerola, Dia do Salva-vidas, Surubim.

Prazo 28.02.00:
Kigos à escolha: Antúrio, Arco-íris, Festa de Iemanjá.

Fazer um haikai sazonal é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o kigo (focalizamos), sentimos o satori ou “consciência de si”, com a mente vazia, isto é, sem preconceitos (fotografamos ou filmamos) e escrevemos esse registro limpo de uma sensação ou percepção (revelamos), compondo assim um haikai com kidai, ou seja, haikai com tema da estação, por conter, com *assunto principal* o kigo, palavra da estação. O haikai de saízo deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do kigo, com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) com um corte (ou brecha) após o 1º ou 2º verso, mas de forma tal que o leitor não se “perca” no relacionamento de ambas as partes, nem estas estejam por demais relacionadas. O haikai conterá ainda subtugestões que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

Enviar para:

Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

1. Preencher até três haicais, conforme os kigos à escolha em cada prazo, podendo repeti-los; cada conjunto em uma única ímã de papel carta ou ofício, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos kigos, ou seja, sinônimos referentes à *natureza*.
2. Posteriormente o haicasta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicais desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
3. O haicasta se compromete a enviar numa folha, 7 dias após remessa do rol para escolha, o resultado dessa sua seleção. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicasta selecionador (em cima e à direita do papel); e, em seguida, um abaxio do outro, o número e o texto de cada haikai assim escolhido, sob pena de não o fazendo, perder os votos que venha a receber os haicais de sua autoria. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicais de própria lavra.
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

IPÊS EM FOLHA



Rumo à liberdade... Abro a gaiola e se vai, em paz, o azulão!... Hermoclydes S. Franco	Gaiola vazia... Um canto a mais na floresta... – Azulão fugiu. Maria Madalena Ferreira	Azulão pousado no pessegueiro florido, enfiteia o pomar. Regina Célia de Andrade
azulão olha tristinho, pássaros voando. Olga dos Santos Bussade	Cantero de sálvia enfitejando a jardineira, alegra a varanda. Olga dos Santos Bussade	Azulão pousa, enfitejando... velho galho seco. Maria R. Labruciano
Mais além, a mata e um azulão na gaiola, cabisbafo, mudo... Darly O. Barros	Chocolate e flores, no Dia da Secretária um grato sorriso. Elen de Novais Felix	Voa o beija-flor. Entre outras flores, a sálvia mostra seu rubor. Olga Amorim
A mesa tem flores, é Dia da Secretária; sorriso nos olhos. Djalda Winter Santos	O menino chora... O azulão saíu voando perdido no azul! Ercy M. M. de Faria	À brisa transporta, por toda parte, um perfume discreto... – É a sálvia! Roberto Resende Vilela
Na mata, em silêncio, pou- sa um bando de azulões... Pedacinhos do céu! Hermoclydes S. Franco	Trinça de setembro: junto às contas a pagar, caixa de bombons. Renata Paccola	Crianças espalham alpiste pelo quintal chamando o azulão. Alba Christina
Canta o azulão entre as flores do jardim, despertando as rosas. Ailson Cardoso de Oliveira	Lindo ramalhete! No Dia da Secretária, nada de trabalho. Cecy Tupinambá Ulhôa	Na mesa florida do Dia da Secretária, a justa homenagem!... Hermoclydes S. Franco
De repente um pio, mais um balanço nas folhas, e surge o azulão. Alba Christina	Sol forte, brilhante, no Dia da Secretária... Que abraço de luz! Amália M. G. Bornheim	Na sálvia verdinha, passarinho faz a festa. Canterito desfeito. Cecy Tupinambá Ulhôa
Abraço apertado. É Dia da Secretária, ramalhecte cai. Analice Feitosa de Lima	Sorriso nos lábios no Dia da Secretária ramete nas mãos. Yedda R. Maia Patrícia	A moça gentil, no Dia da Secretária aproveita a folga. Regina Célia de Andrade
ficando mais belo ainda: azulão voando. Regina Célia de Andrade	Entre verdes ramos a sálvia exibe os seus cachos vermelhos, exóticos... Darly O. Barros	na gaiola do terreno... – Matagal calado. Humberto Del Maestro
As sálvias vermelhas na floreira, junto à porta, conviviam a entrar. Maria R. Labruciano	Cantero aromado, florida rubra de sálvias, passante encantado. Fernando L. A. Soares	Sobre a escrivania,uma a flor no vaso, perfuma... Dia da Secretária. Maria R. Labruciano

Para se fazer haikai, tem de ser, mesmo, um leão... errando, do galho cai, mesmo na boa intenção
Agostinho José de Souza

Réveillon saudoso.
Na varanda do salão,
o primeiro beijo.
Alberto Murata

Vendo meu touro enrugado...
Sentindo o andar inseguro...
Peito lembrando o passado...
Acho que estou no futuro!
Amália Max

Não sou tão tímido assim...
Meu amor, este é meu jito...
Chegue mais perto de mim e faça um teste perfeito...
Antonio Bispo dos Santos

Vida novo, ano novo!
Que aconteça nesse dia e também no ano todo, muita paz e alegria.
Cecy Tupinambá Ulhôa

Bendito seja o sujeito
que traído pelo irmão,
tira do fundo do peito
a fortuna do perdão!
Eduardo A. O. Toledo

De meu pai, desde pirralha,
guardo a lição que hoje entono:
– Não há fortuna que valha
a paz que me embala o sono!
Eliana Dagmar

Réveillon. Brancura,
na regressiva contagem,
fence o Ano Velho!
Geraldo Kenhum Oshiro

Eu tenho, mais que ninguém,
fortuna de bens diversos:
– no bolso nenhum vintém,
– no sonho, milhões de versos!!
Izo Goldman

O povo se encontra
meia-noite colorida.
Réveillon na praia.
Izumi Fujiki

O sino toca plangente,
e, às vezes com euforia.
Parece até com a gente:
– sente tristeza e alegria!
João Batista Serra

Com roupas brancas
taças, champanhe e lentilhas...
Feliz Ano Novo!
José Roberto de Oliveira

O que o Ano Dois Mil, enfim,
clareie ao homem a estrada,
que por escura e ruim,
fez-se triste e tão pesada.
Leonilda Hilgenberg Justus

Trem lotado...
Destino à estação:
Liberdade!
Marcelino R. de Pontes

Com pena por vê-lo morto,
a borboleta, piedosa,
simulou no galho torto
duas pétalas de rosa...
Orlando Brito